

dor da inteligência, que liberta o homem da rotina e do aborrecimento que algumas ocupações provocavam. As de contabilistas, empregados de seguros, fiéis de grandes armazéns, toda a ocupação destinada a contar e fazer contas de depósitos, estão postas de parte, com a possibilidade de essas pessoas dedicarem a sua inteligência e a sua actividade a outros assuntos menos monótonos. Mas esta assombrosa libertação tem um alcance ainda maior. A circulação rodoviária nas grandes cidades, o esboço técnico dos engenheiros, o trabalho dos médicos, o projecto de novas cidades, a ampliação das antigas, a futura produção de uma indústria moderna, o conhecimento legislativo de um membro do Congresso e de qualquer advogado, a relação médico-medicina, o fundo linguístico das obras-primas, o trabalho da polícia, a meteorologia (que acaba de se transformar numa ciência exacta, graças à ajuda dos computadores), toda a actividade humana estará relacionada com estas máquinas.

Antes de me despedir do Sr. Robinson, discutimos alguns problemas de menor importância, mas bastante relacionados com a vida de cada um. Será possível, dentro de pouco tempo, dispormos de um computador caseiro que nos informará sobre os programas dos cinemas, teatros, televisão, nos ajudará a elaborar um programa de fim-de-semana, baseado numa selecção rigorosa dos espectáculos e dos momentos de bom tempo que poderemos desfrutar; proporcionará à dona de casa qualquer receita ou ementa para uma semana ou para um mês; será capaz de nos indicar a leitura de um livro esquecido, mas que se ajustaria bastante bem a determinado estado de espírito; poderá indicar-nos o telefone do melhor médico especialista em certas doenças; recordar-nos-á o que temos de fazer durante a semana. Numa palavra, substituirá a nossa memória, que, sem treino e sem exercício, deixará provavelmente de existir ou ficará reduzida ao mínimo indispensável. Nessa altura teremos todos uma só memória, e estaremos ligados a um imenso computador provincial, mais tarde nacional, universal dentro de um século, a que recorreremos até para nos lembrarmos do nome da nossa mãe. Já começámos a sentir nítidos sinais de que estamos em risco de perder os dentes, as unhas dos pés e outros órgãos, por falta das funções respectivas. Comemos alimentos cada vez mais moles, e as unhas só servem para se pintar. O mesmo pode acontecer com a memória, ou seja, com uma parte importante do cérebro. Com corações de plástico e ligados a uma única central de dados, substituindo a genial imperfeição das recordações, chegaremos a ser uns subprodutos eficientes. Tudo dependerá, como sempre, do que sejamos capazes de fazer com a nossa perfeição de cada dia.

4 A FIAT DE GIOVANNI AGNELLI E A SOCIEDADE INDUSTRIAL

Porquê a Fiat e não a Volkswagen ou a Renault? Porque esta empresa industrial italiana de automóveis concentra em si toda uma problemática económica mundial, e porque, mais do que qualquer outra empresa industrial europeia, representa um esforço de planetarização da técnica mais completa e complexa do que qualquer outra. Com efeito, a Fiat possui fábricas, ou pelo menos indústrias afins, em quase quarenta países espalhados por todos os continentes; está a construir uma fábrica gigantesca na Rússia, apta a lançar no mercado seiscentos mil carros por ano, e através da sua produção plurilateral ultrapassa a área de qualquer outro conjunto industrial do nosso continente. É como um império técnico que reúne tudo, desde o carro de turismo ao avião de guerra, à indústria atómica e foguetões interplanetários. Através da Fiat, a Itália está a exportar não só máquinas, mas também energia humana e inteligência, contribuindo assim para o processo de universalização do Ocidente, que tanto nos tem preocupado ao longo destas páginas.

Trata-se, ao mesmo tempo, de uma indústria tipicamente europeia, no sentido de ter surgido com o século e os seus progressos coincidirem, espectacularmente, com todos os progressos e revoluções que se têm realizado na Europa desde a *belle époque* até hoje, não só da técnica, mas das ideias, da política, da moda, de toda a nossa maneira de pensar, de ser e de conceber o mundo em que vivemos, e muda da mesma forma que os carros têm vindo a mudar de carburadores, de linhas e de velocidade.

Para compreender o que tem acontecido dentro desta fábrica, lançando hoje no mercado mais de sete mil carros por dia, é necessário colocá-la no tempo e no espaço em que nasceu. Turim era, nos fins do século XIX, uma cidade que deixara de ser a capital de Itália, transferida primeiro para Florença e depois para Roma. Já havia um quarto de século que a dinastia de Sabóia, tão ligada ao destino da cidade e de todo o Piemonte, vivia em Roma, capital tradicional da península, sonho doirado de todas as gerações italianas e, sobretudo, dos *carbonari* e dos românticos. Um novo país surgira da inte-